

## **GODOI, Rodolfo. Pesquisa de Mapeamento de artistas transformistas no Distrito Federal e Entorno. 1. ed. Brasília: Distrito Drag; Instituto LGBTQ+, 2022.**

Natanael de Freitas Silva <sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7532-4312>

Arte transformista ou *drag queen*? Essa é uma das questões tratadas na “Pesquisa de Mapeamento de artistas transformistas no Distrito Federal e Entorno”, sob coordenação de Rodolfo Godoi, publicada em 2022. Na última década, a arte *drag queen* tem ganhado visibilidade com a ascensão de artistas como Pablo Vittar, Gloria Groove, entre outras. Destaca-se também o *reality show* norte-americano *RuPaul’s Drag Race* e sua capacidade de transformar a arte *drag queen* em um produto vendável e rentável mundialmente por intermédio da televisão e dos programas de *streaming*<sup>2</sup> (Bezerra, 2018).

Se quisermos saber e conhecer sobre a arte transformista, primeiro precisamos entender que é uma arte plural e vai além do modelo norte-americano midiaticamente popularizado e em parte retratado no filme *Paris is Burning* (1990) e na série *Pose* (2018). Nos EUA, o transformismo nasce à margem da sociedade, nos salões de bailes, na cultura *ballroom*, onde as *drags* batalham entre si por troféus nas mais diversas categorias. As performances envolvem maquiagem, habilidade com a dança, principalmente o estilo Vogue, o canto e a postura.

Por sua vez, na América Latina, o transformismo surge no âmbito dos teatros e das casas noturnas, inspirados pelas grandes divas do cinema e envolvido de muitos paetês, plumas e pedrarias. Em sua maioria, eram protagonizados por travestis e pessoas trans. Já no Brasil, além do teatro, muitas ocupavam o cinema e os programas de televisão, tendo como mais conhecidas Rogéria e Elke Maravilha<sup>3</sup>.

Conforme tratado por Vencato (2002), no início dos anos 2000, não existia um consenso entre as *drags* sobre a inclusão de transformistas como uma variação ou tipo de *drag*. Para as

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e especialista em Educação e Diversidade pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ/CPAR). É membro do Laboratório de estudos das relações de gênero, masculinidades e transgêneros (LabQueer/UFRRJ) e do Núcleo de Estudos de Teoria da História e História da Historiografia (Histor/UFRRJ). Também é colaborador da rede de Historiadorxs LGBTQIA+. E-mail: [natanaelfreitass@gmail.com](mailto:natanaelfreitass@gmail.com).

<sup>2</sup> No Brasil, criou-se também outros *reality shows*, como o *Academia de Drags*, em 2014, inspirado no modelo norte-americano, exibido no *Youtube*, produzido pelo cineasta Alexandre Carvalho e apresentado pelas *drag queens* brasileiras Silvetty Montilla e Alexia Twister. Em 2023, produziu-se o *Drag Race Brasil* e o *Caravana das Drags*, este apresentado por Xuxa Meneghel e a *drag* paulistana Ikaro Kadoshi.

<sup>3</sup> Madrinha do grupo *Dzi Croquettes*, por sua estética considerada exagerada, ao longo dos anos 1970, Elke era, muitas vezes, confundida como travesti ou *drag queen* (Felitti, 2021).

GODOI, Rodolfo. Pesquisa de Mapeamento de artistas transformistas no Distrito Federal e Entorno. 1. ed. Brasília: Distrito Drag; Instituto LGBTQ+, 2022.

que concordavam com essa inclusão, “a drag transformista seria aquela que faz a imitação de alguma atriz ou cantora, que faz ‘o clone’ de alguém, aproximando-se muito visualmente de uma mulher” (Vencato, 2002, p. 67).

Como uma forma de resistência a uma colonização da arte da *montação*<sup>4</sup> no Brasil, Godoi opta pela designação arte transformista:

como uma aposta na nomenclatura nacional do fenômeno artístico em questão, salientando sua trajetória local, mas operando como um nome guarda-chuva que engloba o que massivamente é apresentado no campo de pesquisa como arte *drag queen* (Godoi, 2022, p. 12).

Com a publicação da Portaria nº 54, da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECEC DF), em 2021, e a partir da solicitação efetuada pelo Distrito Drag e Instituto LGBTQ+, a arte transformista passou a ser reconhecida “como um campo autônomo que dialoga com diversas outras artes, linguagens e veículos de comunicação. Também produz suas próprias referências, saberes, práticas, vertentes e modos de circulação e comercialização” (Godoi, 2022, p. 9).

A partir de um conjunto de entrevistas semiestruturadas, mapeou-se dados quantitativos como renda, local de moradia, escolaridade, idade, cor/raça, identidade de gênero, sexualidade e modalidade de transporte das 40 artistas entrevistadas (Godoi, 2022, p. 15). Enquanto no âmbito qualitativo, focalizou-se nas narrativas de memórias e influências artísticas, bem como os desafios, as violências que muitos artistas transformistas experienciam, como isso afeta os sentidos e significados psicoemocionais e o fazer da arte transformista.

As artistas entrevistadas foram Alice Bombom, Andyva Divã, Angelina Bower, Anon Dragótico Anônimo, Ayobambi, Baby Brasil, Bonnie Butch, Bopety, Brenda Max, Cassandra Monster, Dakota Caliantra Corote Overdose, Dália del Mar, Dávila, Dita Maldita, Donna Karão, Fran Ferrari, Hellen Quinn, Invictor, K-halla, Katrina Jones, Licorina, Likidah, Linda Brondi, Lushonda, Mary Gambiarra, Medu Zaa, Melina Imperia, Mozilla Firefox, Pikineia, Raykka Rica, Rojava, Rubi Ocean, Ruth Venceremos, Samiallien, Sereia Punk, Shayennie Aparecida, Simone Demoqueen Lafond, Tiffany – a drag cênica –, Verônica Strass e Xantara Thompson. Todas expressam a potencialidade e a multiplicidade da arte transformista no coração do país.

Dentre os dados sociodemográficos, destaca-se a faixa etária das artistas entrevistadas. Duas eram nascidas na década de 1970; três de 1980-1984; dez de 1985-1989; nove de 1990-

---

<sup>4</sup> É o nome dado para o processo de caracterização a partir de maquiagens, perucas, roupas, figurinos, adereços e performances gestuais e corporais atribuídos e/ou característicos ao gênero feminino.

GODOI, Rodolfo. Pesquisa de Mapeamento de artistas transformistas no Distrito Federal e Entorno. 1. ed. Brasília: Distrito Drag; Instituto LGBTQ+, 2022.

1994; e dezesseis de 1995-2000. Quanto à identidade de gênero e sexualidade, na sua maioria, homens cisgêneros<sup>5</sup> gays ou bissexuais.

Ao longo do trabalho, fica evidente como esse “encontro de gerações” na arte transformista também é efeito dos avanços na conquista de direitos da população LGBTQIAPN+, assim como na maior visibilidade de histórias e de personagens LGBTQs em novelas e em programas televisivos (Nascimento, 2015).

No campo do marcador geracional ou etário, a reflexão sobre a memória social permite compreender quais as experiências do passado inspiram o repertório criativo e subjetivo das artistas transformistas entrevistadas. Neste caso, entre as nascidas até o final dos anos 1980, as respostas eram Vera Verão e Silvio Santo, enquanto *RuPaul* aparece apenas para as que nasceram após o ano de 1996.

Já no campo das relações sociais e familiares, Godoi destaca a tensão que artistas transformistas vivenciam ao terem que revelar sua persona artística em seus núcleos familiares, já que “a arte transformista não se destaca da identidade de gênero e sexual, mas a ela vincula-se” (Godoi, 2022, p. 41). Dessa maneira, a concepção de família tende a ser ampliada e ressignificada para o campo dos afetos e para além da consanguinidade, numa espécie de potência política da amizade entendida como uma característica da sociabilidade de sujeitos e/ou grupos dissidentes da heteronorma desde a segunda metade do século XX (Silva, 2022). A amizade, neste caso, não é mero intuito sexual, mas uma forma de criar laços afetivos e *novos modos de vida* para escapar da *normalidade social e sexual*.

Além disso, a reflexão sobre a arte transformista oferece caminhos para uma melhor compreensão dos debates e dos embates sobre como as performances de gênero afetam e são afetadas pela teoria da performatividade de gênero (Carlson, 2010; Colling, 2021). Ao refletir sobre o filme *Female Trouble*, estrelado por Indaga Butler, como Divine: “seria o drag uma imitação de gênero, ou dramatizaria os gestos significantes mediante os quais o gênero se estabelece? (Butler, 2003, p. 8). Essa é uma questão que permanece em aberto e instiga diversas pesquisas sobre a arte transformista, suas possibilidades e limites e como a arte transformista ocupa o “entre-lugar” dentro da comunidade LGBTQ brasileira (Bortolozzi, 2015).

Por fim, a *Pesquisa de Mapeamento de artistas transformistas no Distrito Federal e Entorno* é um trabalho que amplifica a compreensão da arte transformista no país, ao abordar

---

<sup>5</sup> Sobre a noção de cisgeneridade, seus usos, implicações, possibilidades e limites, ver: SILVA, Natanael de Freitas. *Dzi Croquettes e Secos & Molhados: masculinidades disparatadas*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

GODOI, Rodolfo. Pesquisa de Mapeamento de artistas transformistas no Distrito Federal e Entorno. 1. ed. Brasília: Distrito Drag; Instituto LGBTQ+, 2022.

seus aspectos quantitativos na economia criativa e qualitativos no campo das identidades e performatividades de gênero e sexualidade, que ocupam boa parte dos debates e embates contemporâneos, seja na conquista de direitos, seja na busca por uma igualdade efetiva e insurgente, bem como pela representatividade LGBTQ+.

A arte transformista existe e resiste!

*Recebido em 24/06/2024*

*Aprovado em 07/07/2024*

*Publicado em 16/08/2024*

### **Referências bibliográficas**

BEZERRA, Pedro Henrique Almeida. *Picumã: performance drag queen em uma epistemologia decolonial*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

BORTOLOZZI, Remom Matheus. A arte transformista brasileira: rotas para uma genealogia decolonial. *Quaderns de Psicologia*, v. 17, n. 3, p. 123-134, 2015.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARLSON, Marvin. *Performance – uma introdução crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COLLING, Leandro. O que performances e seus estudos têm a ensinar para a teoria da performatividade de gênero? *Urdimento*, Florianópolis, v. 1, n. 40, mar./abr. 2021.

GODOI, Rodolfo. *Pesquisa de Mapeamento de artistas transformistas no Distrito Federal e Entorno*. 1. ed. Brasília, DF: Distrito Drag, Instituto LGBTQ+, 2022.

NASCIMENTO, Fernanda. *Bicha (nem tão) má: LGBTQ+ em telenovelas*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

SILVA, Natanael de Freitas. *Dzi Croquettes e Secos & Molhados: masculinidades disparatadas*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

VENCATO, Anna Paula. *Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, 2002.